

SÍMBOLO, NOME E PALAVRA

Vamireh Chacon
UnB — Brasília

A grande torrente da cultura ocidental sempre negou a possibilidade do conhecimento racionalista das essências finais.

Aristóteles detém-se diante da causa primária, para ele tão indefinível quanto, por outros caminhos, para os próprios profetas judaicos do Oriente enriquecendo o Ocidente. Platão é ainda mais radical na metáfora da caverna: lá dentro, onde todos estamos, são entrevistas as sombras e as luzes externas, arquétipos apenas pressentidos, transfigurados pelas aparências das nossas limitações.

Tomás de Aquino só admitia conhecer Deus, quando racionalmente, pela analogia; Agostinho de Hipona, precursor outro tanto, ia ao ponto da Teologia Negativa: sabe-se ao certo o que Deus não é, mas como definir Sua infinitude, Sua conciliação de misericórdia e justiça e da Sua onipotência com a liberdade humana? Agostinho confessava poder assim captar Deus como num espelho, "mas quando me perguntam, já não sei..."

Nicolau de Cusa, cardeal também prudente, percebeu a impossibilidade do conhecimento do infinito pelo finito, daí a *docta ignorantia* das limitações do saber humano. Descartes, vindo das Matemáticas, não quis perquirir tão longe: reduzia o conhecimento rigoroso ao quantitativo e geométrico, e precisou dar muitas explicações que não era ateu

ao amigo clérigo Abbé Mersenne. Daí Kant, indo às últimas conseqüências, apresentar-se como "o metodólogo das Ciências Naturais matematizadas", a definição dele por Ernst Cassirer. Segundo Cassirer tratava-se do desfecho da linha vindo do elogio compensatório de Platão no *Menon* ao raciocínio geométrico, e de Cusa no seu *Nihil certi habemus in mostra scientia, nisi nostra mathematica*.

Giambattista Vico é que seria o predecessor das Ciências do Espírito, no sentido histórico-social-cultural de plena independência da liberdade em relação às previsibilidades matematizáveis, aliás auto-limitadas pelo cálculo das probabilidades e do erro. Foi a Vico que Hegel neste aspecto continuou, em escala e sentido muito mais abertos e flexíveis que Karl R. Popper veio a atribuir-lhe no seu ataque às pretensões dos historicismos.

Os impactos políticos historicistas, mais os dos intimismos existenciais e psicanalíticos, juntamente com as reações de novas buscas de rigor matemático, geraram um tenso clima pouco propício e reflexões do nível e do tipo das de Cassirer, neokantiano porém muito socrático, no sentido amplo dialogal de tentativa de equilíbrio entre ciências positivas, mas não positivistas, e humanismo clássico ocidental, secularizado embora ainda sensível ao espiritual além da dimensão culturalista¹. O que conseguiu até certo ponto.

Susanne K. Langer escreveu uma das melhores sínteses do pensamento de Ernst Cassirer².

A ela se pode acrescentar, enquanto ponto de partida, que a forma é o limite do conteúdo, e que as formas culturais são a natureza social do ser humano. Cassirer parte da forma transcendental, apesar de não transcendentalista, de Kant. As Matemáticas operam de preferência com o conceito de função; já a linguagem humana, que comanda e ordena até empiricamente o comportamento humano, procura apreender tanto o significado objetivo quanto o significante emocional, vai além do exclamatório, expressa a forma imanente ao homem. "Assim o princípio kantiano, fecundado por um totalmente novo problema científico, conduz adiante da doutrina Kantiana à filosofia das formas simbólicas" de Cassirer, conclui Langer.

Para lá chegar, percorre mediações analíticas para sua formulação.

"Imagens" formais implicam em "símbolos" expressivos, a linguagem constitui a comunicação das imagens nos símbolos. As formas gerais concretizam-se em linguagens valorativas simbólicas das realidades da vida, poder, violência, mal e morte, os mitos. Os quais são assim associativos, não propriamente discursivos. "Cada parte deste todo é um todo em si", explica Ernst Cassirer, o símbolo identifica-se ao seu

conteúdo. O mito tem realidade própria, não se trata de "faz-de-conta", tanto assim que dispõe de energia endógena.

Prossegue a fiel interpretação por Langer: "os nomes são a autêntica essência dos símbolos míticos; nada no mundo é mais concentrado ponto de mero significado que o pequeno, transitório, invisível hálito de uma palavra falada". Pode-se até afirmar: não se conhece um único caso de alguém que tenha morrido por causa de uma fórmula matemática e sim muita gente que o quis devido a uma palavra religiosa, filosófica, ideológica, política... A essência dos conceitos existencializa-se na palavra, tão fundamental que não falta quem, ao fim e ao cabo, pretende a maior importância do significante sobre o significado, no dizer de Cassirer: "Com freqüência é o nome da divindade, mais que ela própria, que parece ser a real fonte da eficácia". Cassirer sempre se detém dentro dos limites racionalistas.

Moisés, angustiado por si e por toda a humanidade antes e depois, interroga o próprio Deus no capítulo 3, versículo 13, do Exodo: "Qual é o Seu Nome?" Antiga a tentação de capturar a onipotência, para a auto-superação humana: Cassirer mostra o mito como força, não fraqueza, raiz da pretensão das fórmulas mágicas do tipo do abracadabra árabe ou indiano das *Mil e uma Noites* para dominar a Natureza e a História. Cassirer só compreende até aí.

O versículo seguinte dá a maior, melhor e mais completa resposta antológica de definição da Divindade Suprema: "Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós". Afirmação pura, em si, metafísica mas também existencial, eternidade pessoal do Seu presente, muito além da impessoalidade abstrata de outra das traduções: "EU SOU O QUE É". "Este é o Meu Nome eternamente" (Êxodo 3,15).

Ao receberem a definição insuperável — equivalendo Deus ao próprio Ser, levando Heidegger a começar sua filosofia pela constatação que a questão filosófica por excelência termina sendo a do mistério do ser e a concluir que portanto só Deus nos pode salvar — então os antigos hebreus inauguram a fecundidade ocidental e universal do monoteísmo, bem como a mais profunda metafísica do Ocidente e do mundo; além daquela autodefinição divina não se consegue ir nem filosoficamente nem teologicamente.

A força do nome não pode para Cassirer ter assim nada a ver com o esvaziamento conceitual dos nominalistas, relegada sua criatividade às Ciências Empíricas desde eles tão desenvolvidas e cada vez mais, porém ao preço das conseqüências da perda do conteúdo inclusive moral, como se vê nos seus impasses e contradições até destrutivas da modernidade, outra das suas fragmentações. Força máxima do Nome

originário primevo a ponto de levar os judeus ortodoxos a temerem-no, fazendo-os ler *Adonai*, Senhor, em lugar da auto-definição insuperável, *Iaweh*, em hebraico. Resultado da proibição do segundo mandamento: "Não tomarás o Nome do Senhor teu Deus em vão (Êxodo 2,17).

Ele não percebe também a força superior do Nome do Ungido, sinônimo grego de Messias em Cristo, "um Nome que é sobre todo o nome" (Epístola do Apóstolo Paulo aos Filipenses, capítulo 2, versículos 9 e 10), "assim Ele se tornou mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente Nome que o deles" (Epístola aos Hebreus, capítulo 1, versículo 4). Força do Seu Nome transmissível pela fé aos justos: "a todos os que O receberam, àqueles que crêem no Seu Nome, deu-lhe poder de serem filhos de Deus". Força do Nome credenciável já por *Iaweh-Adonai* ao primeiro homem, Adão, desde o capítulo 2, versículo 19, do Gênesis, logo no primeiro livro da Bíblia, ao receber de Deus este fundamental instrumento: "Tudo o que o homem chamou a todo o ser vivente, isso foi seu nome".

Foi nesta linha que o Prólogo do Evangelho do Apóstolo João tanto impressionou o próprio Hegel e a muitos outros pensadores, ao proclamar a originária antecedência da Palavra, *In principio erat Verbum*, junto a Ele, *Et Verbum erat apud.*, e Dele, *et Deus erat Verbum*. Palavra traduzida como Verbo, a mais intensa e movimentada delas, desde a tradução de São Jerônimo à lusitana protestante nada menos que de meados do século XVII por João Ferreira de Almeida — português convertido ao calvinismo, missionário nas Índias Orientais Neerlandesas — e às mais recentes também católicas como a Bíblia de Jerusalém, e ecumênicas como a coordenada pelos jesuítas em francês, Novo Testamento em 1972 e 1975 o Antigo.

O termo "Palavra" foi adotado por Lutero em alemão, *Im Anfang war das Wort*, e pela anglicanizada *King James Version* de 1611, *In the beginning was the word*. Por não entender bem a força da "Palavra" no grego bíblico, *Lógos*, palavra meditada, em vez de *Rhema* usada menos vezes e significando palavra pronunciada, foi que Goethe optou por "No princípio era a Ação". *Tat* em vez de *Wort*, mas o fez no *Fausto* pela boca de Mefistófeles, ele mesmo o define como "o espírito que sempre nega", *der Geist der stets verneint...* É o negativismo consumado na modernidade, Goethe escreveu um segundo *Fausto* tentando superá-lo.

Mas, apontando na direção da continuidade da esperança, síntese nisto de Henrique C. de Lima Vaz por Marcelo de Aquino, "a Encanação é o grande Facto histórico no qual a tradição hebraica da Palavra e a tradição grega do *Lógos* transcrevem a sua respectiva inteligibilidade e pretensão de universalidade"³.

Heidegger mostra como o pensamento cria a palavra e ela recria o pensamento num todo dinâmico, inseparável; Gadamer completa que o

texto adquire autonomia e passa a interinfluenciar seu contexto e os seguintes, conclusão próxima à de Chomsky de outros caminhos também enfatizadores desta criatividade.

A síntese de Cristo ("Nem só de pão vive o homem, mas também da Palavra de Deus") marcou não só a Marx em meio aos próprios hegelianos ateus, David-Friedrich Strauss com sua *Vida de Jesus*, principalmente Feuerbach em *A Essência do Cristianismo*; a Hegel desde cedo impregnado de religiosidade, quando ainda jovem escreveu inclusive uma biografia de Cristo publicada póstuma em fragmento, ademais da também póstuma *Filosofia da Religião*, obra de toda uma vida. Daí Hegel ver a História como idealizadas reencarnações da Palavra e Marx a História enquanto ajuste de contas sociais pelo econômico, um evolucionismo metafísico e seu oposto, o evolucionismo materialista, este aparentado ao de Darwin, aquele imerso no idealismo alemão.

Força mítica, mística, até política da palavra, mesmo aquém da Palavra. Por isso as línguas sagradas de uma em busca da Outra: o sânscrito para o hinduísmo, o hebraico para o judaísmo, o grego bíblico para a Igreja Ortodoxa Oriental, o árabe do Corão para os muçulmanos de todas as nacionalidades, o iorubá nos cultos afro-brasileiros; daí o hebraico, idioma do Estado de Israel, em vez dos então mais disseminados ídiche e ladino, e o panarabismo paralelo e correlato ao Islã. Sacralidade intrínseca que o latim nunca teve para o catolicismo. Cassirer também recorreu à lingüística da Antropologia Social de tribos índias do Oeste da América do Norte e da Polinésia como fios de meada, e de lá, não só dos antigos helênicos, traçou uma projeção da cultura ao máximo na ciência indutiva-discursiva, o mito da ciência infinita...

Não é de surpreender o choque entre Cassirer e Heidegger, Heidegger não podia aceitar a ciência positiva enquanto culminação da cultura; para Heidegger a busca da verdade precede e condiciona o uso da lógica, "a lógica originou-se no círculo das atividades didáticas das escolas platônico-aristotélicas. É uma invenção dos mestres de escola, não dos filósofos. E sempre que os filósofos dela se ocuparam, fizeram-no por preocupações mais originárias e não no interesse da lógica".

A lógica representa meio, não fim em si mesma, o logicismo seria a esterilização da palavra, última das coisas inaceitáveis para Heidegger. Para ele "o pensamento recolhe e concentra a linguagem no dizer simples, e assim a linguagem é a linguagem do ser... Com seu dizer o pensamento abre sulcos invisíveis na linguagem. Eles são mais invisíveis do que os sulcos que rasga, no campo, o camponês de andar vagaroso"⁴. A poesia também é a verdade no sentido do verbo grego *poiéin* donde provém etimologicamente, significando fazer, criar ou recriar o mundo, no caso do poeta (artífice) pela palavra. O próprio

Cassirer — tão de fundo racionalista ao apresentar a ciência empírico-descritiva, e seu respectivo raciocínio, como ápice da cultura — reconhece que “a parte não representa meramente o todo, nem o indivíduo ou a espécie representam o gênero, mas são ambas as coisas; não só implicam este duplo aspecto para a reflexão mediata, como compreendem a força imediata do todo, sua significação e sua eficácia. Aqui vem forçosamente à lembrança aquele princípio que se pode designar como o verdadeiro princípio básico, quer da ‘metáfora’ lingüística quer da mítica, que é expresso pelo axioma *para pro toto*”⁵.

O entendimento da palavra há muito mobiliza a cultura, desde a hermenêutica literária de Friedrich Schlegel à hermenêutica religiosa de Schleiermacher, e à jurídica da qual no Brasil Paula Batista surge como um dos antecipadores na Faculdade de Direito do Recife já em 1860 com seu *Compêndio de Hermenêutica Jurídica*, que fez época na processualística e jurisprudência.

Hans-Georg Gadamer retoma a filosófica, mais Heidegger e Hegel⁶. O espírito absoluto hegeliano, em suas sucessivas reencarnações históricas, iria se enriquecendo por experiências auto-conscientizadoras, é um evolucionismo metafísico, um criacionismo historicista-culturalista. Diante da relatividade comprovadora das limitações da finitude humana nas experiências, relatividade percebida e adiante desenvolvida por Dilthey, foi que Benedetto Croce concluiu: “Nenhum sistema filosófico é definitivo, porque a própria vida não é definitiva. Um sistema filosófico resolve um grupo de problemas historicamente dado e prepara as condições para a proposição de outros problemas, isto é, de novos sistemas”. Assim Croce e Dilthey são neo-hegelianos.

Mais realista humanamente foi Wittgenstein ao concluir: “Ainda que todas as perguntas da Ciência recebessem resposta, os problemas da nossa vida não seriam sequer tocados...” Reconhecimento da permanente transcendência existencial espiritual.

Gadamer considera mais pré-conceitos que preconceitos as racionalizações das experiências enriquecedoras, cognições possibilitando previdências. Jürgen Habermas dá excelente mostra da sua criatividade crítica ao estudar Martin Heidegger com pré-conceitos mas sem preconceitos. Para ele, o que Heidegger tentou em última instância foi uma “fenomenologia da vida” em “experiências limites da existência pessoal”⁷. Limites não como limítrofes e sim fronteiras de abismos, audazes e precários equilíbrios mortais sobre o fio da navalha do pensamento, do sentir, mesmo do agir político, com todas as conseqüências do viver perigosamente. Não por acaso a insistência heideggeriana em Nietzsche ao longo de vários livros sobre ele.

O último texto de Heidegger — entrevista publicada postumamente pela revista *Der Spiegel*, nº 23, 1976 — adverte que então só um Deus

pode nos salvar e que o risco maior é não reconhecermos O verdadeiro, nem o Seu Nome. Mostra Rahner como Deus "é a última palavra", "coloca em questão o todo do mundo"; o ateu dela não se desprende, continua presente mesmo pela negação. Esquecendo-a, o ser humano até "teria esquecido... que se esqueceu"⁸.

Notas

1. De ERNST CASSIRER *vide* principalmente *Philosophie der symbolischen Formen* nos três volumes de 1923, 1925 e 1929; *Zur Logik der Kulturwissenschaften*, 1942, e o póstumo *Wesen und Wirkung des Symbolbegriffs*, 1956.
2. "On Cassirer's Theory of Language and Myth" em PAUL ARTHUR SCHILPP (org.), *The Philosophy of Ernst Cassirer*. La Salle (Illinois): Ope Court Publishing Company, 1973.
3. "Metafísica da Subjetividade e da Linguagem — III", *Síntese Nova Fase* 22, n. 71 (1995): 453-488.
4. *Brief Über den Humanismus* traduzido ao português por Emmanuel Carneiro Leão como *Sobre o Humanismo*, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, p. 100.
5. *Sprache und Mythos* na trad. bras. de J. GUINSBURG e MIRIAM SCHNAIDERMAN, *Linguagem e Mito*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p. 21.
6. *Wahrheit und Methode*, 1960.
7. *Vide* a entrevista de Jürgen Habermas a Jean-Luc Ferry, "Werk und Weltanschauung. Ein Beitrag zur Heidegger Kontroverse aus deutscher Sicht", *tb.* publicado em tradução castelhana na coletânea de HABERMAS, *Identidades Nacionales y Postnacionales*, Madrid: Editorial Tecnos, 1994.
8. *Vide* evidentemente KARL RAHNER, *Grundkurs des Glaubens* inclusive na tradução no Brasil, *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, pp. 63, 66 e 65. "O homem se olvidaria de si mesmo simplesmente no meio da preocupação por tudo o que é parcial no seu mundo e na sua existência. Nesta suposição ele nunca se confrontaria com a totalidade do mundo e de si mesmo nem sequer na forma do desconcerto, do silêncio e da preocupação e ansiedade. Não mais notaria que não passa de um ente particular e não é o ser como tal. Não mais notaria que estaria pensando apenas perguntas setoriais e não a pergunta pelo próprio perguntar". (p. 64)

Endereço do Autor:
Dep. de Ciências Políticas — UnB
Cidade Universitária
70910-900 Brasília — DF